

OS RENEGADOS

Clarissa Lima
Da equipe do **Correio**

A seca está chegando ao Distrito Federal. Ela vem de ônibus ou de carona, chega em grupos de famílias numerosas, se instala nas principais vias da cidade — e na bagagem, traz apenas roupas. A estiagem nordestina chega a Brasília na pele dos migrantes. Pela estimativa do Centro de Desenvolvimento de Brasília (CDS), o número de pessoas que migra do Nordeste para a cidade quase triplicou, no Plano Piloto, comparando com os seis primeiros meses deste ano com os de 1997.

Entre janeiro e junho do ano passado, foram registrados 71 atendimentos, contra 198 no mesmo período deste ano. O CDS não dispõe ainda de dados sobre todo o DF. Os grupos de flagelados vêm com dois objetivos: encontrar emprego para alimentar a família e, quando a estiagem acabar, voltar para casa.

A leva de nordestinos já escolheu alguns endereços para montar suas barracas. Segundo a diretora do CDS, Maria das Dores Costa Matos, a moradia dos flagelados situa-se nos seguintes endereços: 702, 703, 705, 706, 104, 304, 308, 413 (na Asa Sul), Ponte Costa e Silva, Ponte do Braguetto, Ponte das Garças, Cruzeiro, QI 11 e 15 (no Lago Sul). “Ainda não fechamos o balanço de imigrantes deste ano, mas pelo trabalho de fiscalização nas ruas estamos verificando um aumento significativo. A maioria vem do Nordeste por causa da seca, mas quando chegam aqui se defrontam com o que não existe e acabam em baixo das árvores”, estima.

Um termômetro da quantidade de migrantes na cidade é o número de pessoas que passa pelo Centro de Apoio Social, em Taguatinga. O local funciona como uma espécie de abrigo. De acordo com a diretora, Maria de Fátima Gomes Leitão, até maio deste ano, 650 nordestinos estiveram no albergue, o que corresponde a 40% do total de pessoas atendidas. “Boa parte vem da Bahia, da região de Irecê e Jacobina”, afirma.

O perfil do nordestino que procura o DF pode ser definido em poucas características: baixa qualificação profissional; semi-analfabeto; e sempre vem acompanhado por grandes famílias com, em média, oito pessoas. “A maioria está em busca de emprego, mas é muito difícil encontrar porque eles não têm a ex-

Raimundo Paccó



Lindinalva Neves da Silva chegou a Brasília há pouco mais de um mês. Veio de Irecê, na Bahia, com o marido e quatro filhos — os outros quatro amiguinhos de rua

periência exigida para trabalhar na capital. Até para os lavradores é complicado porque as características do solo aqui são outras”, aponta.

Em virtude do grande número de migrantes, a diretora do CDS, Maria das Dores, aproveita para fazer um apelo à população: “O Nordeste está aqui, no Distrito Federal. Precisamos muito de colaboradores, que possam doar comida, roupa ou brinquedos.”

VIDA NA RUA

A história da família de Lindinalva Neves da Silva, 27 anos, e Agnaldo César da Conceição, 33 anos, figura nas estatísticas do GDF. O casal, acompanhado por quatro filhos, chegou a Brasília há pouco mais de um mês. Fugindo da seca na região de Irecê (BA), eles venderam tudo para comprar as passagens de ônibus rumo “à cidade grande”. “Vendi botijão, fogão, móveis e o que tinha em casa para vir para cá. Só trouxe uma mochila de roupa”, relata enquanto segura nos braços o filho caçula de oito meses. Os demais filhos têm 8, 6 e 1 ano e sete meses de idade.

Instalada nas imediações da Ponte do Braguetto, em uma barraca de

camping, Lindinalva está feliz com a vida na capital. “Aqui pelo menos a gente arruma dinheiro para comer”, comemora. Sua lembrança mais triste é da casa que deixou em Irecê. “Tenho saudades da minha casinha, mas não adiantava ficar olhando o tempo e passando fome. Tenho que dar comida aos meus filhos”, atesta. A sua nova moradia foi comprada por R\$ 15,00 do seu vizinho, uma família de mendigos, que vive no local há mais tempo. Todo o seu patrimônio se resume a barraca, brinquedos velhos e algumas panelas, que foram doadas por transeuntes. As crianças passam o dia correndo e se divertindo no canteiro das pistas. Uma bola velha, caixas de papelão ou a sucata de um velocípede são motivos de alegria para os menores.

A sobrevivência é garantida pelo pai, que passa o dia guardando carro nas redondezas. As crianças tomam banho no Lago Paranoá. Para comer e beber, a família conta, em parte, com a solidariedade dos brasilienses. “A água que nós bebemos é cedida pelo guarda daquele prédio (aponta para a quadra mais próxima). E para comer, muita gente doa alimentos e

cestas básicas. O dinheiro que o meu marido recebe também ajuda a comprar o leite dos meninos. As panelas foram doadas por uma mulher que passou por aqui e eu pedi”, descreve. A renda familiar é contada por dia. “Ele ganha entre R\$ 10,00 e R\$ 15,00 guardando carros”. E é melhor que em Irecê? “Claro. Lá, a diária de um pedreiro era R\$ 15,00, mas nunca tinha trabalho e a gente chegou a passar fome. Desde que cheguei aqui, não me faltou comida”, responde.

Ela conta que escolheu Brasília porque, na sua cidade, todos comentavam que a capital do Brasil era o lugar certo para ganhar dinheiro. “Tem muita gente de lá vindo para cá em busca de sustento. Esta cidade é muito boa, só em saber que tenho o que dar aos meus filhos todo dia, para mim é bom demais”.

Apesar de estar satisfeita com a cidade, Lindinalva espera voltar logo para o sertão. Nos planos estão colocar seus filhos no colégio e recomeçar a vida no campo. Para realizar o sonho, ela já estabeleceu um prazo: “Quero ter o meu quinto filho em Irecê”. Lindinalva está no quinto mês de gravidez.

CIDADE BONITA

A trajetória de Anizete Marreta dos Santos, 26 anos, para chegar em Brasília foi um pouco diferente. Seu marido veio primeiro, sozinho, e depois a família chegou. “Ele arrumou um emprego e ligou pedindo que eu viesse”, relata. De Irecê até Brasília, ela enfrentou oito dias de viagem. Sem dinheiro para comprar as passagens de ônibus, Anizete chegou à capital de carona, trazendo cinco filhos, com idade entre três meses e 9 anos. Enquanto ficou sozinha em Irecê, ela conta que alimentou seus filhos com doações de moradores da cidade. “Sempre tinha alguém para dar um prato de comida”, lembra ela.

Morando na capital há oito meses, ela já conseguiu montar a sua casa de taipa, na Vila Planalto, com o dinheiro que o marido ganha lavando carros. “A cidade aqui é muito bonita e tenho comida todo dia. Em Irecê, só tinha casa baixa e muita poeira”, compara. O sonho de voltar para a Bahia, no entanto, não sai da cabeça. “Quando tempo melhorar, quero voltar para minha casa”, espera.